



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

ALAN TASSIO GALDINO

**PRÁTICAS EDUCATIVAS E MEMÓRIA NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO
CAMPINENSE: NARRATIVAS SOBRE A CASA DA CRIANÇA DR. JOÃO
MOURA.**

**CAMPINA GRANDE
2018**

ALAN TASSIO GALDINO

**PRÁTICAS EDUCATIVAS E MEMÓRIA NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO
CAMPINENSE: NARRATIVAS SOBRE A CASA DA CRIANÇA DR. JOÃO
MOURA.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de licenciatura em História, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Patrícia Cristina de Aragão.

**CAMPINA GRANDE
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G149p Galdino, Alan Tassio.
Práticas educativas e memória na história da educação campinense [manuscrito] : narrativas sobre a casa da criança Dr. João Moura / Alan Tassio Galdino . - 2018.
52 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação , 2018.
"Orientação : Profa. Dra. Patricia Cristina de Aragão Araújo. Campina , Coordenação do Curso de História - CEDUC."
1. História da Educação. 2. História da Paraíba. 3. Memória. 4. Infância desvalida. I. Título

21. ed. CDD 981.33

ALAN TASSIO GALDINO

PRÁTICAS EDUCATIVAS E MEMÓRIA NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO
CAMPINENSE: NARRATIVAS SOBRE A CASA DA CRIANÇA DR. JOÃO
MOURA.

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso de licenciatura em
História da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento às exigências para obtenção
do grau de Licenciado em História.

Aprovada em 20/06/2018

BANCA EXAMINADORA

Patricia Aragão

Prof. Dr. Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Robéria Nadia Araújo Nascimento

Profa. Dra. Robéria Nadia Araújo Nascimento
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Maria do Socorro Cipriano

Profa. Dra. Maria do Socorro Cipriano
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha saudosa e amada mãe, Maria de Lourdes, que sempre foi e sempre será o motivo de tudo em minha vida, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A realização desse trabalho e o término de meu curso vieram acompanhados de situações, que jamais imaginei que viveria. Porém, graças à bondade de Deus e ajuda de tantas pessoas, que se quer consigo nomeá-las todas aqui, consegui passar por estas atribulações, saio deste curso com a certeza de que não sou mais o rapaz, que adentrou aos seus 22 anos, sem perspectivas alguma sobre a vida. E por isso sou muito grato.

Tenho e devo agradecer primeiramente a Deus, que em sua infinita bondade, livrou-me de muitas situações indesejadas; em segundo lugar ao motivo de tudo isso, a minha amada e saudosa mãe Maria de Lourdes Galdino, onde quer que a senhora esteja, saiba que sempre foi a senhora o motivo de tudo isso, se hoje cheguei aqui, foi devido a todo seu esforço, enquanto vida, para criar a mim e a meus irmãos. A senhora foi sempre meu exemplo maior, ensinando-me não com palavras, mas sim com ações, foi pela senhora que adentrei nesse curso, pela senhora quis galgar novos horizontes, e pela senhora sonhei, em um dia pôde dá-la tudo, que a senhora não pode ter em sua vida. Grande foi a minha decepção, em não ter conseguido realizar este sonho, mas hoje sei e tenho a certeza em meu coração, que onde a senhora esteja, está olhando por mim, amo-te minha mãe querida.

Muitos foram os amigos, que praticamente me carregaram, sei que serei injusto com alguns, em não poder citá-los, mas todos têm o meu profundo obrigado, e minha eterna gratidão. Jamais poderei agradecer apenas com palavras a você meu amado padrinho Joab, que foi e tem sido um pai para mim, o seu cuidado comigo, às vezes se torna inexplicável, ao senhor e a toda a sua família que amo, como se fosse a minha, obrigado. Aos meus amados amigos, estes que também nunca me esqueceram. Será que algum dia, nós vamos olhar para o passado, e rir de tudo que se passou? Obrigado meus amados amigos, Kellvyn, Evandro, Jeferson, Diego, Jean, espero ficar velho e com uma alma de criança ao lado de vocês. Aos meus amados irmãos de comunidade, que em tantos momentos de preocupação e dificuldades, agiram perante mim, com uma empatia desumana,

alguns me vestiram, outros me alimentaram, outros até mesmo, me sustentaram, meus amados Alisson, Gleidson, Tita, e tantos outros.

Como também não lembrar aqui, da turma com qual dividi quatro anos de minha vida, foi difícil ter que deixá-los, e seguir em frente, sem nossas conversas, porém sei que alguns de vocês, eu levarei para o restante de minha vida, Bruna minha amada amiga e comadre, estarei sempre disposto no que for, Vanilson companheiro de trabalhos, meus amigos de pesquisa Emanuel e Eudes, com vocês aprendi demais.

A aqueles que me ajudaram, e abriram suas portas para mim, assim sendo eu capaz de produzir este trabalho, o senhor Onildo, a irmã Joana a senhora Bethania e a irmã Creusa meu muito obrigado.

Não posso esquecer jamais de minha família, meu irmão amado Davi, tivemos muitas atribulações, mas eu te amo, e obrigado por tudo que tem feito por mim, a minha amada irmã Mona, obrigado por todo o carinho e cuidado que tens comigo, a minha linda sobrinha Mirely, te amo minha pequena.

Por fim, não poderia de me esquecer de tantos mestres, que me influenciaram, não apenas por sua intelectualidade, mas por sua humanidade. A professora Graça por ter feito amar a História, ao professor Golbery, por toda a sua ajuda a mim. Ao professor Ramsés, não teria chegado aqui sem o senhor, à professora Angelina, por suas palavras que nunca esqueci a professora Luiria, que em um momento de dificuldade me estendeu a mão, e por fim, mas não menos importante a professora Patrícia, que carregou este trabalho com tanto empenho, muito obrigado, desculpe por ter dado tanto trabalho a senhora, sonho em um dia, ser tão humilde e ao mesmo tempo sábio como à senhora, só posso pedir, que Deus a abençoe minha querida mestra. A todos estes meu muito obrigado.

“Seu exemplo edificou sonho realizado, Casa da Criança João Moura, Seu nome imortalizado” (Onildo Moura, A história da vida de Dr. João Moura, 2014, p.12).

RESUMO

O trabalho por nós produzido apresenta como objeto de pesquisa a instituição educacional Casa da Criança Dr. João Moura, situada na cidade de Campina Grande – PB. Temos como objetivos de nossa pesquisa, (I) investigar na memória da educação, as representações da Casa da Criança Dr. João Moura para a cidade de Campina Grande no período que se estende de 1954 a 1964, (II) discutir no contexto da história da educação, o papel e a importância das práticas desenvolvidas pela instituição, (III) mostrar a trajetória histórica da Casa da Criança Dr. João Moura em Campina Grande, como instituição educativa, e a importância dela na formação cidadã e humanitária das crianças, (IV) refletir sobre a infância no contexto da história da educação a partir da relação entre memória, e como influência no contexto da instituição, (V) e por fim verificar através das narrativas orais, imagéticas e documentais escritas, como e quais foram as contribuições para o campo da história da educação para a memória escolar campinense. Dialogando com os autores Pierre Nora (1984), Dominique Julia (1995), Franco Cambi (1999) e Maria Lucirene Sousa Callou (2016), nosso situa-se trabalho no campo da História da educação. Tivemos como metodologia a análise de fontes documentais, imagéticas e da história oral, utilizando para embasamento os autores José Sebe B. Meihy e Fabiola Holanda (2008), e também Verena Alberti (2004). Realizamos entrevistas com uma das religiosas da instituição que vivenciou os primeiros anos de vida do estabelecimento a Irmã Creusa, e um dos familiares do falecido João Moura o senhor Onildo Moura, que presenciou os fatos que levaram a fundação da casa. Abordamos assim a narrativa histórica da Casa da Criança Dr. João Moura, as conjecturas que influenciaram sua fundação, como eram suas práticas educativas, e como a mesma se destacava em seu trabalho no cuidado com a Infância desvalida na cidade.

Palavras – Chaves: Casa da Criança Dr. João Moura, Memória, Infância Desvalida, História da Educação.

ABSTRACT

The work produced by us presents as object of research the educational institution Casa da Criança Dr. João Moura, located in the city of Campina Grande - PB. The objectives of our research are to investigate in the memory of education the representations of the Casa da Criança Dr. João Moura for the city of Campina Grande in the period from 1954 to 1964, to discuss in the context of the history of education, the importance of the practices developed by the institution shows the historical trajectory of the João Moura Children's House in Campina Grande, as an educational institution, and its importance in the citizen and humanitarian formation of children, reflect on childhood in the context of the history of education as a result of the relationship between memory and how it influences the context of the institution, and finally to verify through the oral narratives, images and documentaries written, how and what were the contributions to the field of the history of education for campinense school memory. Dialogue with authors Pierre Nora (1984), Dominique Julia (1995), Franco Cambi (1999) and Maria Lucirene Sousa Callou (2016), situating our work in the field of History of education. We have as a methodology the analysis of documentary, imagery and oral history sources using the authors José Sebe B. Meihy and Fabiola Holanda (2008), as well as Verena Alberti (2004). We interviewed one of the nuns of the institution that lived the the first years of the establishment's life, Sister Creusa, and one of the relatives of the late João Moura, Mr. Onildo Moura, who witnessed the events that led to the founding of the house. We thus approach the historical narrative of the House of the Child Dr. João Moura, the conjectures that influenced its foundation, as were its educational practices, and how it stood out in its work in the care with the helpless Childhood in the city.

Keywords: Children's House Dr. João Moura, Memory, Childhood, History of Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Lourdes Moura.....	19
Figura 2- Dr. João Moura.....	20
Figura 3- Irmã Aldete do Menino Jesus.....	22
Figura 4- Irmã Benedita da Cruz.....	23
Figura 5- Ata da fundação da Casa da Criança Dr. João Moura.....	23
Figura 6- Foto de formatura de João Moura.....	29
Figura 7- Berçário da Casa da Criança Dr. João Moura.....	35
Figura 8- Berçário da Casa da Criança Dr. João Moura.....	36
Figura 9- Refeitório da Casa da Criança Dr. João Moura.....	38
Figura 10- Refeitório da Casa da Criança Dr. João Moura.....	39
Figura 11- Crianças no momento do recreio.....	39
Figura 12- Brincadeira realizada com crianças em momento de festividade.....	40
Figura 13- Festividade natalina realizada na instituição.....	41
Figura 14- Festividade de dia da Independência realizada na instituição.....	41
Figura 15- Primeira Eucaristia.....	42
Figura 16- Crianças expondo pares de sapatos ganhados.....	43
Figura 17- Crianças brincando com bolas doadas pela instituição.....	43

Sumário

INTRODUÇÃO	9
1. AS PRÁTICAS EDUCATIVAS E MEMÓRIA NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO CAMPINENSE.	12
1.1. FUTURO DA NAÇÃO OU PROBLEMA A SER SOLUCIONADO: A POSTURA DO ESTADO PERANTE A INFÂNCIA DESVALIDA.....	16
2. HISTÓRIAS NARRADAS SOBRE A CASA DA CRIANÇA DR. JOÃO MOURA.....	18
2.1. PARA SERVIR E PARA SUPRIR, SURGE A CASA DA CRIANÇA DR. JOÃO MOURA.....	22
3. BIOGRÁFIA E MEMÓRIA DE JOÃO MOURA	28
4. EDUCAR A INFÂNCIA: NARRATIVAS DE MEMÓRIA SOBRE PRÁTICAS EDUCATIVAS ESCOLARES.....	34
4.1. NO CUIDADO COM A INFÂNCIA A CONSTRUÇÃO DE UMA CULTURA ESCOLAR	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS.....	46
ANEXO – ENTREVISTAS.....	47

INTRODUÇÃO

Nosso trabalho vem realizar uma pesquisa histórica sobre as memórias da instituição educacional Casa da Criança Dr. João Moura, situada na cidade de Campina Grande - PB. A mesma se mostra de fundamental relevância dentro da história da educação campinense ao trabalhar com uma parcela da sociedade, deixada às margens da história local, que seria a infância desvalida e em situação de carência.

Escolhemos trabalhar com tal objeto de pesquisa, ao ponto que visamos à importância da história dessa instituição, para a história da Infância e da educação local. Ao mesmo modo que percebemos que tal pesquisa se mostrava inédita, no que se refere ao campo de estudo da história da educação local.

Temos como objetivo principal nesse trabalho, investigar na memória da educação, as representações da Casa da Criança Dr. João Moura para a cidade de Campina Grande no período que se estende de 1954 a 1967. Como também os objetivos específicos de discutir no contexto da história da educação, o papel e a importância das práticas desenvolvidas pela instituição, mostrar a trajetória histórica da Casa da Criança Dr. João Moura em Campina Grande, como instituição educativa, e a importância dela na formação cidadã e humanitária das crianças, refletir sobre a infância no contexto da história da educação a partir da relação entre memória, e como influencia no contexto da instituição, e por fim verificar através das narrativas orais imagéticas e documentais escritas como e quais foram as contribuições para o campo da história da educação para a memória escolar campinense.

Para realizarmos a nossa pesquisa, utilizamos os conceitos de memória, trabalhados por Pierre Nora como também, Maria Sthephanou e os outros teóricos que também idealizam o mesmo conceito. Trazemos o conceito de infância desvalida aqui trabalhado pela visão da autora Maia Lucirene Sousa Callou. Para o entendimento da abertura das fontes e as novas linhas pesquisas dentro da história, onde se coloca a história da educação, trabalhamos pelo viés da história cultural, com os autores Peter Buker e Sandra Pesavento. Sobre a História da educação ,

utilizamos as contribuições de Dermeval Saviani, Franco Cambi e Dominique Julia em seu conceito de cultura escolar, como também de outros autores da mesma linha de pesquisa. E por fim, para auxiliar em nossa escrita, utilizamos os trabalhos de Michel de Certeau.

Deste modo, tem como fundamental importância o campo da história da educação, para o desempenho do nosso trabalho. O mesmo tem sua origem no final do século XIX, intrinsecamente ligada com o campo da Pedagogia, nos seus primórdios era considerado um campo menos nobre da História, porém com a influência da Nova História Cultural, tal pensamento começou a mudar (LOPES, 2001). Com o intuito de pesquisar instituições educacionais, práticas educativas, disciplinas e a cultura escolar, a história da educação torna-se um eixo norteador de suma importância, para o entendimento da instituição por nós pesquisada.

Trabalhar assim a Casa da Criança Dr. João Moura pelo viés da História da Educação, possibilita-nos a compreensão da conjectura educacional na cidade Campina Grande no recorte temporal por nós pesquisado, como também a possibilidade de trazer à tona a memória da infância em estado de carência, e como a instituição tratava estas no cuidado educacional.

Com base nas fontes pesquisadas, tais como: fotografias, fonte documental, imagéticas, e as memórias da Irmã Creusa Gomes do Nascimento que vivenciou os primeiros anos de serviço da instituição, e do irmão do médico João Moura, o senhor Onildo Moura, que foi testemunha dos fatos que levaram a fundação da instituição, trabalhamos estas memórias pelo viés da História Oral, realizamos uma narrativa sobre a fundação, as práticas educacionais e sobre o público que era atendido pela instituição.

Utilizamos para embasamento das entrevistas realizadas, os trabalhos sobre história oral de José Sebe B. Meihy e Fabiola Holanda. Estes estudiosos realizam uma explanação dos processos necessários para se trabalhar com a História oral. Também utilizamos as contribuições de Verena Alberti, que vem trabalhar as formas de como compreendemos a história oral, de como entendê-la e utilizá-la na pesquisa histórica.

Dessa forma a História oral tornou-se fundamental para a nosso trabalho, a preencher lacunas, que as outras fontes por nós pesquisadas não conseguiram. A mesma se mostra de imensa utilidade, nas pesquisas por nós empregada, na

construção das narrativas sobre a instituição como nos atenta Alberti: “A metodologia de história oral pode ser empregada no estudo da história de instituições[...] e as entrevistas podem também ajudar a esclarecer o conteúdo, a organização e as lacunas de arquivos existentes nas instituições” (ALBERTI, 2004, p. 25), como também foi necessária para a construção da biografia, do indivíduo a qual o estabelecimento faz memória: “A história oral pode auxiliar na reconstrução de vida de pessoas cuja biografia se deseja estudar” (ALBERTI, 2004, p. 25).

Também utilizamos, como já citado, de fontes documentais tais como: a Ata da instituição, o seu Estatuto de fundação, e de notícias encontradas em periódicos, também foi de imensa utilidade as fontes imagéticas, que registraram vários momentos do cotidiano e das práticas exercidas pela instituição. Sem tais fontes se tornaria impossível a realização deste trabalho

As entrevistas por nos realizadas se deram com o Senhor Onildo Moura, de 95 anos de idade, irmão caçula do Dr. João Moura. Ele vivenciou todas as situações que proporcionaram a fundação da Casa da Criança, relatando-nos através de suas memórias como estas ocorreram. Também entrevistamos a Irmã Creusa de 75 anos de idade, a mesma vivenciou os primeiros anos de existência da instituição, fazendo com que as suas memórias se tornassem valiosíssimas para nós no processo de construção das histórias das práticas educacionais do estabelecimento e de como era seu funcionamento no dia a dia.

Desta forma, produzimos uma Monografia, dividida em quatro capítulos. No primeiro, trabalhamos a memória das práticas educativas na cidade de Campina Grande - PB. No segundo, construímos uma narrativa histórica de como se deu a fundação da Casa da Criança Dr. João Moura. No terceiro abordamos a história de vida do Médico João Moura, e a sua importância para a fundação da instituição. E por fim no quarto capítulo trabalhamos quais eram as práticas educativas realizadas no âmbito do estabelecimento, e como era o dia a dia no mesmo.

1. AS PRÁTICAS EDUCATIVAS E MEMÓRIA NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO.

Para empreendermos discussão sobre as práticas educativas desenvolvidas na Casa da Criança Dr. João Moura, em Campina Grande – Paraíba, e as maneiras como elas consubstanciaram no decurso da história da educação nesta cidade, torna-se importante, a priori empreender discussões sobre o conceito de memória e sua importância no contexto da pesquisa em história da educação, onde a memória é fundante na compreensão de determinados momentos históricos, mediante o contexto vivenciado e a espacialidade ressaltada.

Deste modo, entendemos a relação entre memória e História como ambíguas, porém uma complementa a outra, pois por mais que estas estejam intrinsecamente interligadas, as mesmas se diferem em suas funcionalidades. A História como um processo investigativo é pautada em fontes de diversos gêneros diferentes, sendo fontes orais, imagéticas documentais e entre outras tantas.

A História como um campo de produção científica nos permite compreender as ações humanas no decorrer do tempo. A memória, é um dos indícios, que auxiliam nessa produção, podendo ser classificada também como uma fonte como atenta Stephanou:

[...] a Memória, não sendo História, é um dos indícios, documento, de que se serve o historiador para produzir leituras do passado, do vivido, do sentido, do experimentado pelos indivíduos e daquilo que lembram e esquecem, a um só tempo (STEPHANOU, 2005, p. 418).

Assim podemos elucidar uma das principais características da Memória, considerando que a mesma se diferencia da História, no sentido de não ser um processo de produção científico, porém a mesma é suscetível a fazer e faz parte deste processo de produção da História como ciência, sendo ela um indício ou fonte histórica riquíssima a ser utilizados pelo historiador.

A memória traz possibilidades ao estudo da História, pois em campos de pesquisa em história que antes não se utilizavam da memória, atualmente fazem uso deste recurso para compreensão do contexto vivido. Temos assim, com a utilização da mesma, e a abertura para pesquisas em campos onde não se pensava

a Memória, como possível corpo histórico. Tal visibilidade sobre este conceito se deu a partir das pesquisas envolvendo a História cultural, que abrangeu temas, e fontes de pesquisa com o auxílio de outras ciências.

Tal abertura trouxe possibilidades de pesquisas novas, como no campo da História da educação, onde a possibilidade do uso da Memória se torna plausível. Sendo a memória de personagens como antigos alunos, educadores e funcionários de instituições escolares, fonte rica para o processo de produção histórico, no campo da História da educação.

Ela possui a capacidade de instrumentalizar canais de comunicação para a consciência histórica e cultural, uma vez que pode abranger totalidade do passado em um determinado corte temporal. Pois bem, nesse sentido, antes de teorizar-mos e metodizarmos a memória, tornando-a dessa forma com funções e significações históricas [...] (DIEHL, 2002, p. 116).

Entendemos deste modo que a memória por si só, não é capaz da produção da História, é necessária a mesma passar por uma análise crítica do historiador, que em sua observação faz um processo de filtragem, das intencionalidades e influências que aquela Memória passou em seu processo de rememoração.

Assim tal corpo histórico consiste em trazer para o tempo presente, experiências vivenciadas em outro período temporal. Logo o indivíduo está sujeito a esquecimentos ou a enaltecimentos de momentos, que para ele tiveram maior ou menor importância.

Elaboramos um passado com qual podemos conviver, esquecemos ativamente o que nos parece insignificante ou de convivência não suportável. “Compormos nossas memórias para dar um sentido mais satisfatório à nossa vida, à medida que o tempo passa, e para que exista maior consonância entre identidades e presentes” (Thomson, 1997). Processos conscientes e inconscientes tramam memórias. A memória não tem compromisso com a crítica, com uma operação mental de validar ou não seus movimentos através de problematização. Difere ainda da História como campo de produção de conhecimento. A memória pode ser histórica, mas não é história por si só. É vestígio. Apesar de indomável, esforça-se em assegurar permanências, manifestações sobreviventes de um passado, a capacidade de viver o já inexistente. A memória é, então, também o lugar das permanências (STEPHANOU, 2005, p.420).

Deste modo, cabe ao historiador desenvolver práticas para utilização da memória, pois esta até o ponto de sua rememoração, está vinculada a vários sentimentos trazidos pelo indivíduo que a expõe. Assim o pesquisador deve entender e ter sensibilidade de não perceber apenas o dito, mas também o não dito,

ter a empatia e a compreensão de que os momentos de silêncio também podem nos dizer muitas coisas, no instante em que se busca a memória de uma pessoa.

Ao analisarmos o papel da memória na pesquisa em história, devemos levar em consideração a construção dela, não apenas pela fala, mas também pelos gestos e expressões realizadas por aquele que expressa a sua memória. E também perceber quais os suportes da memória utilizados por um indivíduo que realiza esse processo de rememoração, suportes estes que podem ser: uma foto, uma carta ou qualquer outro corpo histórico que ajude nesse processo.

A memória torna-se assim para o historiador uma fonte, a partir do momento que ela passar por esta análise, por este processo crítico, formando uma metodização e teorização. Processo este que torna a memória crível a ser utilizada cientificamente pela História.

Teorizar significa pensar a memória - como fonte histórica em termos de especificidade científica como elemento de contextualizado de interpretação histórica. Significa perspectivar a memória como elemento de orientação, sobre a experiência do passado humano. Teorizar representa as diversas estratégias de argumentação na forma de teorias explicativas e interpretação. Em outras palavras, seria o caso de perguntar como cada teoria ou referencial teórico irá perspectivar o passado, dando-lhe sentido e significação. (DIEHL, 2002, p.120)

Neste caminho, temos como uma possibilidade, porém não única, de acessar a memória, seja ela individual ou coletiva, pelo viés da História oral. Onde as narrativas orais corroboram para a construção da pesquisa histórica. Tais fontes se mostram no mesmo patamar de fontes documentais escritas.

O cruzamento de tais fontes nos permite, em muitos casos, uma melhor construção da narrativa histórica, onde tendo a História oral, a possibilidade de nos mostrar caminhos e visões sobre as memórias, que apenas documentos escritos ou imagéticos não teriam condição.

Ao referirmos o estatuto próprio da memória e das evidências orais, estamos propondo um rompimento com a hierarquização dos documentos, de modo que os cuidados, necessários para com os documentos de memória, nos mais variados suportes, são extensivos a todos os demais documentos. Podemos pensar na ideia de redes de referências cruzadas ou contradições entre diferentes documentos, muito mais do que em confrontos para validação ou refutação de verdades. (STEPHANOU, 2005, p. 422).

Com a história oral, podemos preencher lacunas existentes na pesquisa, e adentrar mais a campos da memória que as fontes documentais escritas e

imagéticas não seriam capazes de nos revelar. Nesse sentido, a partir dessas narrativas, o historiador, por meio de um rigoroso processo hermenêutico, torna-se capaz de entender o quão tais memórias são significativas ao indivíduo que as rememoram. Através de sua fala gestos e silêncios, o historiador se torna capaz de compreender quais memórias gostariam de ser esquecidas, e quais são motivos de alegria para o entrevistado.

Tal movimento é colocado por Alberti (2004), embasado em Wilhem Dilthey, como “compreender e encontrar o eu no tu”, movimento quase que empático de sentir as motivações, alegrias, medos, insatisfações que o entrevistado que rememora trazendo em sua narrativa, deste modo:

O modo de pensar hermenêutico, que não se resume obviamente à filosofia de Dilthey, consiste em valorizar o movimento de se colocar no lugar do outro para compreendê-lo e em acreditar que as coisas (o passado, os sonhos, os textos, por exemplo) têm um sentido latente, ou profundo, a que se chega pela interpretação [...] “Compreender”, diz Dilthey, “é reencontrar o eu no tu”. É alargar nossos horizontes em relação às possibilidades de vida humana, é vivenciar outras existências. (ALBERTI, 2004, p. 18).

O conceito de memória vem nos permiti realizar em nossa pesquisa uma relação da memória da infância e da história da educação, onde temos na instituição pesquisada por nós a Casa da Criança Dr. João Moura, em toda sua trajetória um trabalho desenvolvido com a infância e a vulnerabilidade social na cidade de Campina Grande - PB. Realizando até os dias atuais um serviço de semi-internato de crianças, filhas de famílias em estado de carência. Parcela essa da população, por muito tempo esquecida ou omitida pelos governantes, principalmente nas décadas passadas.

A infância por muito tempo foi vista como uma parte da população que não contribuía para a sociedade. De fato as autoridades só vão começar a olhar para esta fase da vida de sua população, quando esta começa a gerar problemas para a sociedade. Porém devemos observar que será apenas a infância pobre suscetível a gerar tais problemas, com um aumento possível da criminalidade, gerado por crianças abandonadas ou de condição de miséria. E quais as soluções achadas pelos gestores da nação? Callou (2016) aponta isso em sua pesquisa:

A solução pensada para dar conta da Infância pobre do século XX, foi a criação de instituições do tipo internato, onde lá seria ensinado a ler, escrever, daria ensinamentos morais e dos bons costumes pautados na

doutrina cristã, alimentação e vestuário e ainda educação industrial para meninos e educação doméstica para meninas. (CALLOU, 2016, p. 37).

Temos assim estas instituições, com o apoio do governo, trabalhando para zelar pela a infância no Brasil. Estas eram de suma importância para um projeto civilizatório da nação, pois sendo esta parte da sociedade marginalizada, poderiam ocasionar problemas ao Estado no futuro, visando a isto, os internatos do século XX deveriam por as crianças por elas alojadas, como também outras páreas da sociedade, no caminho correto de um cidadão de bem.

Os sujeitos colocados à margem da sociedade, dentre eles as crianças pobres abandonadas, órfãs, negras, ou com deficiência, por séculos foram alvos destas instituições, cujas intenções vão além do que se prega como finalidade, fazendo muitas vezes parte de um projeto maior: de civilização e manutenção da ordem em uma sociedade. A logica da internação por meio de acolhimento de crianças pobres no Brasil existe desde o período colonial... (CALLOU, 2016, p. 38)

1.1. FUTURO DA NAÇÃO OU PROBLEMA A SER SOLUCIONADO: A POSTURA DO ESTADO PERANTE INFÂNCIA DESVALIDA.

Com isso surgem os internatos como principal mecanismo para a formação desses indivíduos, fazendo-se necessário com o decorrer do tempo a construção de um método pedagógico que atendesse os interesses do governo. Os internatos funcionavam perfeitamente nessa causa, estando às crianças o dia todo em seus espaços educacionais, as livravam de estarem ociosas durante o dia, ou mesmo praticando crimes. Essa perspectiva pedagógica agia descontruindo futuras situações de marginalização e formando mão de obra necessária e desejada pelo Estado.

A pedagogia moderna entra em cena nos projetos de funcionamento dos internatos. A educação integral, que consiste na educação física, intelectual e moral permeava a logica ideal de formação do individuo. A educação física para fortalecer o corpo e a intelectual para que aprenda conhecimentos elementares e prática para o trabalho e a moral que seu comportamento se volte para o amo ao trabalho, disciplinarização do corpo e submissão à sua condição de pobreza. (CALLOU, 2016, p.43)

Em relação à educação da infância, o Estado possuía uma visão de que a mesma pode ser colocada no patamar de futuro da nação, ou como também futuros problemas a serem resolvidos por ele. Com essa visão os internatos criados tinham papel fundamental para o Estado, logo a criação dos mesmos foi incentivada pelo governo, com esse intuito de “salvar” as crianças pobres do país.

Neste sentido, são criadas, em todo país, instituições que serão responsáveis por amparar, educar e reformar as crianças pobres, abandonadas, órfãs e delinquentes, afinadas com regulamentos e decretos criados para determinar o lugar que cada criança irá ocupar. Estas instituições tiveram a sua origem no intuito de salvar a infância pobre brasileira (CALLOU, 2016, p.47).

Desta forma teríamos por parte da população uma crescente procura destas instituições, onde para muitos pais as mesmas representavam a possível saída de seus filhos de uma condição de miséria como cita Callou: “Pode-se inferir que para muitas famílias pobres estas instituições representavam a saída para salvar as suas crianças da pobreza que só tendia a aumentar” (CALLOU, 2016, p.48).

Assim a criação destas instituições e o financiamento das mesmas vão ser de interesse do Estado, pois estas estavam realizando um serviço à sociedade que em muitas regiões do país não era disponibilizado, deixando desamparada esta parcela da população que era a infância pobre brasileira.

2. HISTÓRIAS NARRADAS SOBRE A CASA DA CRIANÇA DR. JOÃO MOURA

A Casa da Criança Dr. João Moura consiste numa importante instituição educativa no contexto da cidade de Campina Grande – Paraíba. Para compreendermos a sua trajetória na história educacional da cidade, torna-se importante destacar, sobretudo, o aspecto social, já que esta instituição teve e tem durante muito tempo um papel importantíssimo no trato educativo e social da infância carente e em vulnerabilidade social.

Fundada em 18 de agosto de 1947, pela associação Casa Maternal Dr. João Moura, organização formada pela família do falecido médico, a mesma teve apoio em sua fundação da prefeitura de Campina Grande administrada na época por Elpídio de Almeida, que doou o terreno para que a mesma fosse construída.

Na fala do irmão mais novo do Dr. João Moura, o senhor Onildo Moura, que foi testemunha dos fatos, que geraram a fundação da instituição, o mesmo apresenta as motivações para construção da instituição, que fizeram a família Moura lutar para fundação da Casa da Criança, a partir de um desejo que o falecido médico possuía. O mesmo esclarece como se deu a constituição da associação Casa Maternal Dr. João Moura, como foi o trabalho dela, para angariar fundos para a construção da Instituição e também o desejo que o falecido médico tinha ainda em vida de criar um projeto voltado para a infância em estado de vulnerabilidade na cidade.

Ele como médico pediatra ele era muito compadecido, da assim dos pobres, então ele pensou, tinha esse projeto de fundar uma creche, para como é? Ajudar a mãe proletária né? E deixa os filhos pra poderem trabalhar, e essas coisas, ele tinha esse projeto, mas antes disso ele morreu, então começou, tinha outro rapaz aqui, que quis botar o projeto pra frente e tudo, e tal, ai falou com a minha irmã, que era bem dinâmica e outra, falou pra elas se aliarem e tal, finalmente se organizou uma, como é que se diz? Uma, uma sociedade lá, entre ela, ela com as amigas, e pra trabalhar pra criar a Casa da Criança, então ai se foi pra comercio, ai ela mesmo se destinou e tudo, Ascendino também entrou no meio, e tudo, depois Campina Grande nessa época, existia uma festa da padroeira, em frente da catedral, que era muito animada, com pavilhões, pavilhões individualizados, e então eles também resolveram buta pavilhão, todo mundo na festa, e para angariar dinheiro (ONILDO MOURA, 2018).

A partir da narrativa do senhor Onildo, podemos observar as iniciativas, que deram surgimento à instituição, formando a associação Casa Maternal Dr. João Moura, que era gerenciada por uma das irmãs do falecido médico, a senhora Lourdes Moura, juntamente com outros membros da família e amigos. Essa associação foi a principal responsável por angariar fundos para a construção da Casa, por lutar para encontrar um lugar adequado para sua fundação e também por trazer a ordem religiosa que iria administrar a instituição. Como continua a relatar o senhor Onildo Moura:

Pronto depois ai foi se trabalha e tal, e até que enfim se inaugurou essa Casa da Criança, então foi quem enfrentou mesmo foi essa irmã, como é? Apoiada pelos os outros, mas ela mesmo que ela era bem dinâmica, então ela era que resolvia tudo isso e quem fundou mesmo a Casa da Criança, Era Maria de Lurdes Moura Ribeiro, ela era viúva, do Dr, Hortêncio Ribeiro, Hortêncio de Sousa Ribeiro que era advogado, era um nome bem conhecido aqui em Campina. (ONILDO MOURA, 2018).

Figua1: abaixo podemos ver a imagem da senhora Lourdes Moura, benemérita da Casa da Criança, pessoa que lutou para sua fundação.



Fonte: Acervo pessoal de Onildo Moura

Após a sua fundação, foram pensados vários nomes para a instituição, e nos seus primeiros anos de vida foi se alternando diversas vezes o nome da mesma. Já em 1954, devido à instituição ser gerida por uma ordem religiosa católica As irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição¹, o nome da casa não deveria ser repetido de acordo com outras instituições administradas pela mesma ordem.

Assim após algumas mudanças, foi decidido fazer uma homenagem ao médico pediatra Dr. João Moura, como forma de lembrar as suas ações sociais na memória da cidade e das crianças por ele atendidas, foi dado o seu nome para a instituição, em decorrência de sua prematura morte, e também devido à construção da casa ter sido um sonho almejado por ele enquanto vida. A mesma teve sua primeira estrutura construída em 1947 recebendo o nome de Abrigo de Menores Dr. João Moura, porém apenas sete anos depois houve a sua fundação oficial, em 1954 recebendo o nome atual, de Casa da Criança Dr. João Moura, conforme relata Onildo Moura:

Não, não foi propriamente porque se escolheu outros nomes, é que não foram aceitos na, como é? Na, por que existia na ordem, num é? Por que existia outras casas com o nome semelhante sabe? A então não pode ter aquelas outros nome, o Lar brasileiro, o Lar da Criança ai, mas já tinha num é, então por isso que se resolveu depois ficar, por que este era o nome que dava certo, por que não tinha nenhum a trabalho (ONILDO MOURA).

Na figura 2, a fotografia do médico que idealizou a instituição, e a quem o estabelecimento faz memória ao nome, o Dr. João Moura, retratando um período próximo a sua morte, onde o mesmo se encontrava na imagem por volta de seus trinta anos de idade. O médico foi assassinado em dezessete de Fevereiro de 1947 aos 33 anos de idade.

¹ No período que a ordem recebeu a administração da instituição, a mesma era intitulada de Irmãs Franciscanas Hospitaleiras Portuguesas, vindo após alguns anos a altera seu nome para o atual de Irmãs Hospitaleiras Franciscanas da Imaculada Conceição. Com o intuito de não gerar confusões decidimos citar a ordem com a sua nomenclatura atual.

Figura 2 - Dr. João Moura



Fonte: Acervo pessoal de Onildo Moura

A Casa da Criança Dr. João Moura surgiu neste contexto histórico com o intuito de fazer memória a esse cidadão ilustre da cidade, tornando-se um dos lugares de memória da cidade de Campina Grande. A mesma também se torna uma instituição importante para a História da educação campinense. Uma vez que a mesma teve e têm fundamental importância na formação educacional da Infância pobre da cidade. Tendo desde seus primórdios o objetivo fundante de cuidar das crianças em situação de carência, como mostra o segundo artigo de seu estatuto:

A casa da Criança Dr. João Moura tem por finalidade dar assistência e proteção a menores carentes, assegurando-lhes atendimento e instalações próprias, alimentação, cuidados com a higiene e saúde, educação e lazer conforme a idade, orientação educativa e assistência social as suas famílias. Parágrafo Único – Todos os serviços prestados às crianças e as famílias são inteiramente gratuitos(ESTATUTO DE FUNDAÇÃO DA CASA DA CRIANÇA DR. JOÃO MOURA).

2.1. PARA SERVIR E PARA SUPRIR SURGE A CASA DA CRIANÇA DR. JOÃO MOURA.

Quando fundada, a sua administração passou a ser gerida por uma ordem religiosa², que devido não ter se adaptado ao serviço que a instituição propunha, e também por não ter tido a aprovação da maioria da população da cidade na época, abandonou a administração da casa, logo após a saída destas irmãs, outra ordem religiosa católica no caso as Irmãs Franciscanas Hospitaleira da Imaculada Conceição, fora prometida a associação, pelo bispo da cidade na época Dom Anselmo Pietrulha. As freiras desta ordem católica, já possuíam experiência em trabalhos sociais, desde hospitais, asilos e orfanatos. Para Onildo Moura:

Pronto então depois de um tempo se veio, ainda veio umas freiras de Recife, ai, já tinha uns três meninos dois ou três, não me lembro, mas as freiras recebiam dinheiro todinho, e tinha a matriz em Jo [...] em Recife, ai o dinheiro levava tudo pra Recife, e a casa da Criança não progredia, ai depois acalmaram um pouco, por que povo “tava”³ reclamando. E elas, um dia anoiteceu e amanheceu e elas, deixou os meninos sozinhos lá, dois meninos, e minha irmã, o vizinho que veio avisar que as freiras tinham ido embora, e que os dois meninos “tava” lá só, ai, parece que era até um casal, ai meu irmão foi a João Pessoa, por que ela não podia consegui, arranjou por lá uma creche pra colocar os meninos, enquanto se resolvia.(ONILDO MOURA, 2018).

Figura 3: Entre as crianças a Irmã Aldete do Menino Jesus diretora da Instituição.



Fonte: Arquivo da Casa da Criança Dr. João Moura.

² Devido à falta de fontes precisas, não conseguimos referenciar qual foi esta ordem religiosa, que deteve a primeira administração da instituição.

³ Ao transcrevemos as entrevistas, optamos em não realizar as correções ortográficas, mantendo os termos da mesma forma que foram explanados pelos entrevistados.

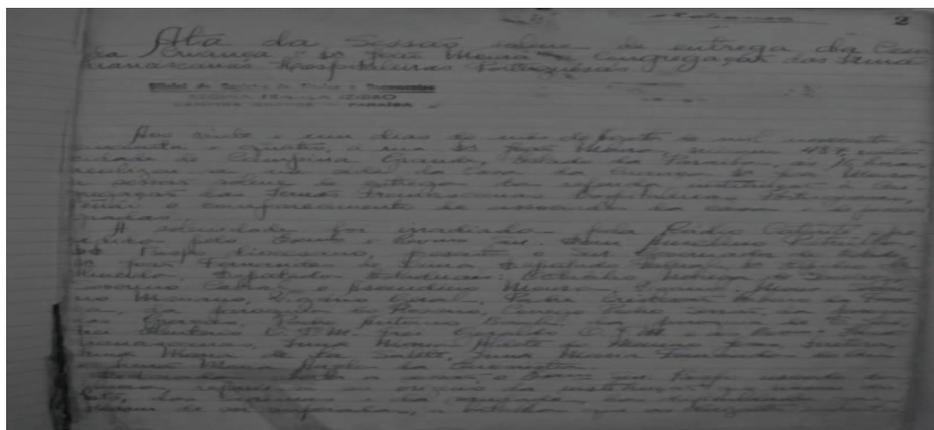
Figura 4: A Irmã Benedita da Cruz vice diretora da Casa da Criança Dr. João Moura.



Fonte: Arquivo da Casa da Criança Dr. João Moura.

No dia da fundação oficial houve um ato solene de entrega, na já construída Casa da Criança Dr. João Moura, isso em 21 de agosto de 1954. Essa solenidade foi transmitida ao vivo pela Radio Caturité, com a presença do Governador do estado, João Fernandes, do então deputado federal Elpídio de Almeida, o mesmo que quando prefeito da cidade havia doado o terreno para a instituição, dos também deputados estaduais Octavio Nobrega, Severino Cabral, Ascendino Moura, que era irmão do Dr. João Moura, e também do bispo Dom Anselmo Pietrulla, entre outros religiosos e as Irmãs da ordem que se fizeram presente no ato juntamente com a Lourdes Moura.

Figura 5: Ata da sessão da solenidade de fundação da Casa da Criança Dr. João Moura.



Fonte: Arquivo da Casa da Criança Dr. João Moura (1956)

Assim com a participação de grandes personalidades da sociedade e da política campinense que ali se mostravam presentes, percebermos a importância que havia na fundação da instituição naquele momento. O que nos faz perceber que a criação da referida instituição, tinha também além de seu valor social para cidade, um valor político, onde a mesma se tornava naquele determinado momento palanque de poder, para determinados políticos.

A casa já vinha atuando na cidade há exatos sete anos, o que fazia com que a população conhecesse e apoiasse o trabalho exercido pela instituição, junto as crianças desvalidas na cidade, instituição trazia deste modo certo benefício aos políticos, que seriam bem lembrados pelos habitantes da cidade de Campina Grande daquele período.

Além do mais, tal apoio para a criação da casa era de interesse político também no sentido, de que a mesma vinha a sanar um problema na cidade. Logo ela estaria ajudando na formação de uma parcela da população, que em sua maioria era desvalida pelo Estado, que era a infância pobre campinense, que naquele momento era vista como problema social a ser resolvido.

fazia agora parte de ações do governo, a atenção a infância tornava-se uma questão nacional, para dar conta das mazelas que acometiam a infância, quais sejam, a fome, pobreza, as doenças e ausência da escola. A ela seria ofertada a educação dos bons costumes morais, do amor ao trabalho e ensinamentos religiosos. (CALLOU, 2016, p.37)

Nesse contexto do surgimento da Casa da Criança, tínhamos uma Campina Grande na década de 1950, que não possuía uma vasta gama de colégios, muito menos instituições filantrópicas com projetos voltados as crianças e famílias carentes. Até então na cidade havia as instituições que também eram de administração religiosa entre elas o Colégio da Imaculada Conceição conhecido como Colégio das Damas, devido no período de sua fundação só aceitar meninas, o Colégio Diocesano Pio XI e a Escola Virgem de Lourdes conhecido como Lourdinhas.

Neste período, o colégio particular Ginásio Alfredo Dantas conhecido atualmente como CAD – Colégio Alfredo Dantas, já promovia a educação na cidade, no caso destas instituições citadas, a proposta era educar os filhos da elite campinense. Elite surgida no auge da produção de algodão na cidade, até então os filhos destes

tinham que estudar, ou nas escolas da capital ou na cidade de Recife em Pernambuco, nesta situação, viu-se necessário criar escolas adequadas para educar estas crianças.

Com este intuito o Instituto pedagógico é fundado em 1919, mudando de sede em 1930, e se tornando em 1943 o Ginásio Alfredo Dantas, o Colégio Damas em 1931, o Colégio Diocesano Pio XI também em 1931 e o Lourdinias em 1947, todos estes ficavam encarregados de instruir a futura elite da cidade. Já em 1953 foi fundado o colégio público intitulado de Colégio Estadual Elpideo de Almeida, a escola pública de Campina Grande conhecida atualmente como Colégio Estadual da Prata, havia também o Colégio Solon de Lucena, fundado em 1924, com o nome de Grupo Escolar Campina Grande que também era um estabelecimento público, e o Colégio Clementino Procópio, fundado em 1937 (MELLO,1996).

Estes, mesmo sendo públicos, não tinham o trabalho voltado para o cuidado e a educação da primeira infância, desta forma essa parcela pobre entre os zero e sete anos de idade, em média, continuaria desassistida na cidade, caso não houvesse sido fundada a Casa da Criança Dr. João Moura.

Nas palavras do Onildo Moura, percebemos através de suas lembranças como era o aspecto da cidade na primeira metade do século XX. O mesmo vai enaltecer que as pessoas de melhor condição financeira residiam no Centro da cidade, local onde se aglomerava a maioria das instituições de ensino particulares já citadas, como estes colégios atendiam a uma parcela da cidade que pertencia à elite, logo eles vão se instalar no bairro mais nobre da Campina Grande do período, conforme narra Onildo Moura:

É, a cidade era muito pequena “tava” em desenvolvimento, não é? Ai, mas não era uma cidade tão pequena, tinha as pessoas, as pessoas de mais projeção morava tudo aqui no centro, tudo perto. As ruas que existiam era ali, a Rua João da Mata era uma avenida, que tinha sido aberta há pouco tempo, tinha as pessoas mais elevadas, era o prefeito, como é? O gerente do banco do Brasil, e outras pessoas mais de destaque que moravam ali, mas também tinha outros, era a Rua Irineu Joffily, a como é? A Getúlio Vargas e as Areias que era a João Pessoa que era comercio, a Maciel Pinheiro e tudo, nesse tempo ainda não tinha havido aquela revolução que Vergniaud fez. Pois bem, mas era uma cidade que, como diz se destacava de qualquer maneira das outras cidades, Campina parece que sempre, parece que nasceu para crescer.(ONILDO MOURA, 2018).

Neste contexto a criação da Casa da Criança Dr. João Moura, surgiu como única alternativa para suprir as necessidades que havia na cidade, em relação à infância

desvalida de campinense, tendo apoio político local por parte dos poderes governamentais, pois estes perceberam, que com a sua criação, a mesma preencheria uma lacuna existente na educação do período.

Deste modo o desejo da família Moura de manter vivo o sonho e o nome do falecido médico, e o impulso honroso que levava a dar partida na criação da instituição, anexavam-se aos os interesses políticos das administrações, que pensavam não apenas fazer lembrar o Dr. João Moura, mas sim, resolver também um problema presente na cidade, suprimindo em partes a obrigação de assistir as crianças e famílias em estado de extrema carência. Veremos isso relatado na fala do entrevistado, ao relatar qual teria sido a importância da criação da Casa da Criança:

Bem importância maior, foi justamente pra aquelas mães que começaram a trabalhar, e não tinham com quem deixar os filhos, e tudo né? E ajudou muito, por que elas trabalhavam com a segurança de encontrar os filhos bem cuidados, e ali se educando, eu acho que foi a maior. Assim quem saiu ganhando mais na história foram eles, que creche não tinha nenhuma creche aqui naquela época, e a casa da criança foi a primeira, e que foi muito atraente, e tudo ia muito bem. (ONILDO MOURA, 2018).

Após a fundação, houve uma articulação entre a associação Maternal Dr. João Moura e o bispo de Campina Grande Dom Ancelmo Pietrulha, que deu a administração da instituição a ordem das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição. A ordem de origem portuguesa foi fundada em 1871, pela Irmã Maria Clara do Menino Jesus em Lisboa, chegou ao Brasil em 1911, mas exatamente no Belém do Pará.

Tem como lema “onde houver o bem a fazer, que se faça”, atuando em vários campos da sociedade, na saúde, educação, cuidado com idosos entre outros tantos serviços aos desvalidos. Foi vista desta forma com uma vasta experiência em trabalho com a Infância pobre, o que possibilitou a ordem ser escolhida para ser administradora da instituição. A frente da administração da Casa ficava a Madre Superiora irmã Aldete do Menino Jesus, a qual dirigiu a instituição desde sua fundação oficial em 1954 até o dia em que veio a falecer em 2006.

Desde então a casa vem excedendo um trabalho filantrópico com crianças carentes, servindo de creche e berçário, como também assistindo as famílias em estado de extrema vulnerabilidade social. Temos na fala de uma das primeiras irmãs a chegar à instituição, as memórias de como seria o trabalho logo nos primeiros anos de existência da casa, a Irmã Creusa Gomes do Nascimento, relata que teria

chegado aos doze anos de idade na Casa da Criança Dr. João Moura, o que seria por volta dos anos de 1955, um ano após a fundação oficial da instituição

Quando eu cheguei aqui eu tinha doze anos, ai nesse tempo era a Casa muito pobre, muito pobre mesmo, cada semana ia seis “moça” pedir auxilio pra Casa, na feira, quando chegava, passava o dia todinho na feira pedindo auxilio, ai quando chegava de tarde com os “balainhos” de feira, pra ajudar as crianças. Era muito pobre, não tinha água não tinha nada, era pobre mesmo num sabe? Ai eu ajudei, eu não todas, todas que acompanharam comigo, procuramos sempre ajudar essa Casa, nunca tinha pedido esmola e nesse tempo pedi. (IRMÃ CREUSA NASCIMENTO).

Nas palavras da irmã, percebemos que mesmo o estabelecimento prestando um trabalho social que era de importância para a cidade, a mesma em seus primeiros anos de vida, não dispunha de qualquer auxilio governamental, e nem mesmo com uma estrutura adequada para que elas exercessem o trabalho com as crianças.

Desta forma, cabia às irmãs da ordem, angariar os recursos necessários para a manutenção da instituição, estes recursos eram obtidos através de doações feitas por comerciantes e cidadãos locais. Porém mesmo com todos estes percalços a Casa da Criança Dr. João Moura, desenvolvia um trabalho importante para sociedade campinense, trabalho este que também era de acordo com os moldes que o Estado almejava, formar a infância desvalida e dar um possível futuro a estas através da educação.

3. BIOGRÁFIA E MEMÓRIA DE JOÃO MOURA

Para compreendermos todo processo que deu a origem da instituição por nós pesquisada, se torna de suma importância observarmos toda a trajetória de vida do médico João Moura. Pois a vida e morte deste indivíduo foi a força motora para a fundação da Casa da Criança Dr. João Moura. Deste modo, através das memórias de seu irmão caçula, o senhor Onildo Moura, fazemos lembrar todas as situações que geraram os acontecimentos, que fariam ser fundada a instituição.

Através destas lembranças, construímos uma breve biografia sobre a pessoa do João Moura. Sendo tal biografia fonte fundamental para a construção da memória da instituição e também da educação campinense.

Ao realizarmos o trabalho de problematização desta biografia, se torna deveras importante, ao ponto que a história de tal personagem, tem a capacidade também de nos mostrar a seara de situações existentes naquele período, tais como o contexto político, social, econômico ou cultural em que tal indivíduo estava inserido naquele recorte temporal. Como também possibilitando a nós o entendimento das subjetividades inerente no personagem aqui pesquisado. Desta forma se torna fundamental o uso da biografia do Dr. João Moura para o contexto da nossa pesquisa. Souza atenta para a importância do uso da Biografia como fonte de pesquisa:

Os relatos somente são relevantes porque respondem à historicidade e subjetividade dos sujeitos em suas itinerâncias e formação. Desta forma, pretendemos aprofundar a compreensão e reafirmar a utilização da pesquisa histórica e da narrativa (auto)biográfica, como opção metodológica para a presente pesquisa, visto que possibilita inicialmente um movimento de investigação sobre o processo de formação e por outro lado permite, a partir das narrativas (auto)biográficas, entender os sentimentos e representações dos atores sociais no seu processo de formação. (SOUZA, 2007, p.68)

Entendemos que a história da instituição está tão intrinsecamente ligada ao Dr. João Moura, que ao perguntarmos sobre como se deu a origem da Casa da Criança ao senhor Onildo Moura, o mesmo relata que para compreender esta, era necessário primeiramente conhecer a história do seu falecido irmão, trazendo assim as memórias da vida dele, os relatos de seu nascimento e de sua trajetória.

Olha a Casa da Criança, bem, mas poderia começar por João Moura? Por que a Casa da Criança depende de João Moura. Pois bem, João Moura era posso dizer à data que ele nasceu? No dia 13 de maio de 1914, e ele nasceu no sítio Jurema, que naquele tempo era município de Alagoa Nova, distrito de Matias, Matias hoje é cidade emancipada. E depois ele foi estudar, foi estudar aqui em Campina Grande, depois foi fazer o ginásio em João Pessoa, no Liceu de João Pessoa, que naquele tempo só tinha ginásio em João Pessoa, né? (ONILDO MOURA, 2018).

Dando prosseguimento, o entrevistado adentra em um ponto importante da vida de seu irmão, que é a sua formação acadêmica, pois seria através desta, que nasceria o desejo de ajudar as crianças em situação de carência na cidade, desejo este que mais a frente seria tomado por seus familiares e realizado em sua memória. “E depois então a faculdade que só tinha em Recife, ai ele fez, se formou em medicina, e tempos depois fez a especialidade pra como é? Pra pediatria. E ele era um pediatra, médico pediatra. Lutou com muita dificuldade e tal”. (ONILDO MOURA, 2018). Na figura 6 abaixo imagem de formatura de João Moura.

Figura 6: Foto de formatura de João Moura



Fonte: Acervo pessoal da família Moura

Após a formatura em medicina, sua trajetória ainda não teria êxito imediato, o mesmo teve vários percalços durante o percurso como médico na cidade de Campina Grande, o que ocasionou a saída dele, partindo para outro município, São

João do Rio do Peixe – PB, a procura de sucesso em sua carreira. Porém a nova localidade onde foi exercer seu ofício, também não lhe gerou frutos, retornando e não tendo êxito ainda em seu trabalho como médico seguiu indo para o estado do Ceará na cidade de Russas, onde começou a ter algum êxito na profissão, porém logo teve de parar com seu trabalho, para ir servir ao exercito durante o período da Segunda Guerra Mundial, após o termino da guerra o mesmo voltaria à cidade de Russas onde estava galgando a sua carreira.

Primeiro montou um consultório aqui, mas desconhecido assim, não deu resultado, chamaram pra ele ir pro sertão, ele foi pra São João do Rio do Peixe, depois passou uns dias, cidade muito pequena, primeiros dias ainda arranchava alguns clientes mais depois, ai depois ele voltou, novamente colocou consultório aqui, novamente não deu certo, ai o amigo dele chamou ele pro Ceará, no Ceará ele ficou em uma cidade do interior do Ceará, e depois foi pra Russas, cidade que fica mais perto de Fortaleza, e lá, e lá ele “tava” indo bem e tudo, foi tempo da Guerra Mundial, e na Guerra Mundial ele foi convocado pra Guerra, então ele entrou como tenente “nerá”, que ele era formado, então ele era tenente e ficou em Fortaleza, durante aquele período. Mas antes de ser chamado pra guerra, a guerra terminou, e então ele voltou pra Russas, pra continuar. (ONILDO MOURA, 2018).

Ainda no Estado do Ceará o medico teria algumas dificuldades, que afetaria no exercício de seu trabalho, ao sofre um acidente, o mesmo ficaria por algum tempo impossibilitado de realizar seu ofício, e também impossibilitado de se comunicar, onde na região que se encontrava, a única forma de comunicação possível seria através de uma carta, porém com sua mão machucada isso se tornava impossível.

Deixa que em Russas, ele foi atender um cliente, naquele tempo havia dificuldade de transporte e de tudo, e era assim na fazenda distante da cidade, e ele num era bom cavaleiro ai ele foi andar a cavalo, e nessa ida, ele caiu e desconjuntou uma mão, e ficou com a mão lá inchada sem escrever, sem puder fazer nada, e ficou lá na pensão, só sei com a maior dificuldade, não, era dificuldade de comunicação, naquele tempo não tinha nada disso, tinha que ser por uma carta algum recardo, alguma coisa, ai ele nem “pudia” escrever, logo era a mão inchada.(ONILDO MOURA, 2018).

Por acaso do destino, a noticia que estava debilitado sem condições de trabalhar e sozinho, chegou até a sua família, através de um caminhoneiro, que realizava um trajeto, passando pela cidade de Russas, e vindo à Campina Grande. Todas essas situações vividas pelo Dr. João Moura, demonstram que o começou de sua carreira foi bastante complicada. Após estas complicações, o jovem médico, viajou ao Rio de Janeiro, onde realizaria um curso, para aperfeiçoar seus

conhecimentos. Podemos também perceber na fala do entrevistado um ímpio de pena pelo seu saudoso irmão, devido todas as complicações que este havia passado enquanto vida.

A vida dele foi muito martirizada, e quando ele chegou, ele ficou aqui, depois ele como foi meu Deus? Sim ele ficou aqui um tempo, depois ai então Ascendino que era ao mais velho, e como meus pais moravam no sitio, ele aqui ele que determinava todas as coisas. Ele então achou que devia João, ir fazer, que aqui não deu resultado, de fazer um curso no Rio, e tudo, e talvez viesse pra cá e tivesse melhora, tivesse mais chance(ONILDO MOURA, 2018).

Depois de um longo processo de penúria, o medico enfim teria na cidade de Campina Grande o sucesso que almejava, conseguindo montar seu consultório e conquistar uma clientela fixar.

Ai ele montou tudo, mudou o nome um pouco, o nome, por que o nome dele era João Vigilho de Moura Cruz, ai botou Dr. João Moura Cruz, era o consultório, ai então, ele começou a ter sucesso. Ai ele, ele era muito estudioso, e tudo, muito atencioso com os clientes, e tal, e as pessoas eram tudo doida por ele (ONILDO MOURA, 2018).

Após ter conseguido se estabilizar na cidade, se tornando conhecido, por seu trabalho como médico pediatra, uma tragédia mudou o decorre da vida de toda a família Moura, com o falecimento da matriarca da família no mês de janeiro, devido ao luto, a familiar não quis passar o período do carnaval na cidade. Desta forma viajando para o então na época distrito de Massaranduba, passando esse período na fazenda de um dos membros da família.

passou uns dois ou três anos, mais ou menos, ele aqui e ia tudo muito bem, quando acontece que a minha mãe morreu, em janeiro de 1946, e no mês seguinte era o carnaval, e então, como eu tenho um cunhado que era como é? Esqueci o nome dele, era o pai, talvez você saiba que é Enivaldo Ribeiro, e que chamou ele pra ir lá, e não somente ele, todos os outros irmãos pra se reunir tudo lá na fazenda, no sitio, passar o carnaval lá, pra sair fora desse frevo (ONILDO MOURA, 2018).

Porém era inesperado que devido a uma rixa política existente entre a família Ribeiro, ao qual Pedro Vaz Ribeiro dono da fazenda onde estavam hospedado, e casado com a irmã de João Moura a Áurea Moura Ribeiro, tinha com outro grupo político da região, fosse ocasionar outra tragédia para a família Moura.

Moura - Bem ai, eles foram no domingo que chegou, ai houve, havia lá, como é? Uma rixa política muito grande lá, daqueles partidos, que era pior

que hoje, tiver falando muito diga? Pois bem, então, ele foi, ele sim, ele foi pra lá, sim um dos meus irmão era advogado, e meu cunhado, a guerra todinha era com os Ribeiros, sabe? Era tudo “richadado” com os Ribeiros (ONILDO MOURA, 2018).

É nesse contexto devido a uma intriga política ao qual o jovem médico não tinha envolvimento, que o mesmo será assassinado, ao ponto que ao tentar separar uma brigar entre um membro da família Ribeiro, e um individuo do grupo politico contrario, ele chega a levar uma facada, que o traria a óbito.

[...] ai veio um camarada ai ele caiu, ai foi guerra, eu sei que ai, João veio, aproximou-se, foi acudir coitado com a inocência dele, e pedir que acalmasse e tudo e tal, ai veio um camarada por trás, ai deu-lhe uma facada, e dessa facada, ai dessa facada, ele veio aqui pra Campina, ainda passou vinte e oito horas, foi vinte e quatro horas, e ai morreu no outro dia, foi uma morte, que causou muito transtorno, assim né? Na família, nos amigos e tudo foi muito triste (ONILDO MOURA, 2018).

Nas memórias retratadas do entrevistado, ele demonstra o afeto pelo o falecido irmão, enaltecendo o quão era querido o médico, e o quão a morte dele teria mobilizado as pessoas na época.

Veio gente de fora também de Serra Redonda, de outros lugares, e ele teve uma vida bem difícil naquele tempo, mas ele se dedicava, ficava ali do lado, naquele tempo não tinham nem hospital, nada era como hoje, pois bem e então o povo era tudo doído por ele. E geralmente ele tinha muitas boas amizades também aqui com as pessoas, era muito amigo de Dr. Bezerra de Carvalho, todos médicos daquele época ele era muito amigo, ele era uma pessoa muitíssimo bem vista aqui em Campina, principalmente depois que ficou mais conhecido (ONILDO MOURA, 2018).

Temos ainda em um fragmento de um poema de Felix Araújo, registrado de forma romanceada, como teria ocorrido à reação da população perante a Morte de João Moura.

Foi uma longa noite aquele dia
 O sol em prantos desapareceu
 Houve no espaço um grito de agonia
 João Moura morreu
 No olhar das mães, na face da criança
 A torrente da lagrima desceu
 Foi como um agonizar da esperança
 João Moura morreu
 (ARAUJO, 1947).

Com uma morte precoce, sendo um cidadão ilustre da Campina Grande, o desejo que o mesmo possuía de fundar uma instituição que cuidasse da infância

desvalida na cidade, será tomado por seus familiares, realizando assim a fundação da Casa da Criança Dr. João Moura.

4. EDUCAR A INFÂNCIA: NARRATIVAS DE MEMÓRIA SOBRE PRÁTICAS EDUCATIVAS ESCOLARES

A partir da criação da Casa da Criança Dr. João Moura no município de Campina Grande, o preenchimento de uma lacuna no espaço educacional da cidade, a infância pobre e desvalida, agora detinha um espaço, onde teriam a possibilidade de receber cuidados e a educação nas primeiras fases escolares.

Ao historiarmos a trajetória desta instituição, estamos enfatizando a memória de um grupo social que se encontrava as margens da sociedade, como bem exalta Gatti (2015) em seu trabalho sobre a importância da história das instituições escolares:

Enfim, o conhecimento das instituições escolares é fundamental para a compreensão dos contornos específicos de qualquer sociedade, ainda que não se esgote em si mesmo, mas, sim, na compreensão da articulação que essas instituições comportam em termos societários. (GATTI, 2015 p. 341)

Conforme ressaltamos anteriormente, o público que foi atendido pela Casa da Criança Dr. João Moura, era oriundo das classes populares, prioritariamente, em depoimento dado a este autor, Irmã Creusa, relatou, como eram as condições das crianças recebidas pela instituição, e a de seus parentes.

Era criança pobre, “probrezinha” mesmo, agora as mães eu não sei se era casada, ou era solteira, eu sei que era criança muito pobre, pobre, pobre tinham “muita” que não tinham nem a roupinha pra vestir. A casa foi criada pelas irmãs portuguesas, mas era tudo pobre, tudo crianças pobre, nunca teve mãe mais ou menos era tudo pobre, domestica, tinha muitas que nem emprego tinha [...] (IRMÃ CREUSA, 2018).

Outro caráter que a instituição apresentava nos primeiros anos de sua fundação era o cuidado com as crianças órfãs da cidade, poucas são as fontes que detalham como era, desenvolvido o trabalho na época, impossibilitando a nossa análise sobre este quesito.

Encontramos no terceiro artigo do estatuto do então “Abrigo de Menores Dr. João Moura” no ano de 1948, período onde a casa não era administrada pela ordem das Irmãs Hospitaleiras da Imaculada Conceição, os seguintes termos:

Serão admitidos órfão de ambos os sexos crianças desassistidas, e cujo os progenitores tenham sido privados do pátrio poder, ou cujo os pais pela situação de pobreza e enfermidade não posam criar os filhos (ESTATUTO DE FUNDAÇÃO DA CASA DA CRIANÇA DR. JOÃO MOURA).

Acreditamos, porém que o abrigo e cuidado com órfãos ainda se perpetuou durante algum tempo, após a administração das Irmãs Hospitaleiras da Imaculada Conceição, tal análise se baseia na fala que obtivemos da Irmã Creusa, que ao relatar as origens dos pais das crianças recebidas pela instituição, a mesma descreve que estas eram deixadas na porta da Casa da Criança. Assim a mesma expõe: “Elas viam, assim do povo que não “pudia”, dos bairro carente, que as mãe não “podiam” criar, tinham os filhinhos e “butava” na porta” (IRMÃ CREUSA, 2018).

Desta forma o trabalho que a instituição exercia pela a infância desvalida na cidade, atendia a várias faixas- etárias de idades. Inclusive realizado o trabalho de creche, com crianças a parti de zero anos. Na figura abaixo podemos ver registrado momentos do cotidiano no cuidado com estas crianças, no estagio da primeira infância.

Figura 7: Berçário da Casa da Criança Dr. João Moura



Fonte: Arquivo da Casa da Criança Dr. João Moura

Percebemos tanto na figura 7 quanto na figura 8 o desenvolvimento do serviço com as crianças. As imagens retratam bebes entre uma média de zero a um ano de idade, sendo cuidadas tanto por religiosas quanto por professoras da instituição, com berços e brinquedos disponíveis a elas, as crianças são alocadas em cadeiras para bebes ou soltas em um tapete.

Figura 8: Berçário da Casa da Criança Dr. João Moura



Fonte: Arquivo da Casa da Criança Dr. João Moura

Também era realizado pela instituição um trabalho educacional com crianças de faixa-etária maior de idade, até os doze anos em média. Onde havia a educação convencional, exercida por um grupo de professoras no primeiro turno do dia, em seguida sendo os cuidados deixados com as irmãs da ordem, que também ofereciam ensinamentos religiosos, momentos de lazer e descontração, e incluindo alimentação, visto que as crianças estavam em um regime de semi-internato, chegando pela manhã e ficando até o período da tarde.

4.1. NO CUIDADO COM INFÂNCIA A CONSTRUÇÃO DE UMA CULTURA ESCOLAR.

Nesse contexto adentramos ao que se refere à História do ensino, analisando os vestígios da memória, como também as fontes imagéticas, conseguimos, construir uma narrativa de como seria o dia a dia desta instituição, e as práticas de ensino por ela abordadas, o que é de fundamental importância para a compreensão da história da instituição, como atenta Lopes:

Nem é suficiente apenas estudar o que pensavam e o que propunham educadores ilustres ou escrever em muitos casos uma história dos projetos, ou seja, uma história do que deveria ter sido. Os historiadores tem considerado que é preciso também tentar penetrar no dia – a – dia da escola de outros tempos – os métodos de ensino, os materiais didáticos da

utilizados, as relações professo (a) /aluno (a) e aluno (a) /aluno (a), os conteúdos ensinados, os sistemas de avaliações e punições. (LOPES, 2001, p.52)

É também nessa análise de como era o funcionamento diário das instituições educacionais, que percebemos a construção de uma cultura escolar, criada no cotidiano. Esta seria uma série de normas, práticas, conhecimentos transmitidos que variam de acordo com a conjectura social, política e cultural da época. Como bem nos esclarece Dominique Julia:

Para ser breve, poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permeiam a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). (JULIA, 1988, p. 10)

Assim atentamos que a cultura escolar gerada pela instituição aqui pesquisada, influenciou para o que era ensinado e praticado, na Casa da Criança Dr. João Moura. Ao percebemos que a instituição possuía um caráter religioso, especificamente católico, e a pedagogia católica nas décadas de 1940 a 1960 vinha sofrendo uma forte influencia da pedagogia nova, como atenta Saviani: “Vê-se que, na medida em que a pedagogia nova foi se ampliando sua influencia, também foi sendo modificada a sua relação com a pedagogia católica.” (SAVINI, 2013, p. 299). Esse movimento da pedagogia nova trazia à ideia de que a criança era o centro do processo educacional, fora também aderência das contribuições que a psicologia começava a dispor para pedagogia naquele momento. Nessas conjecturas, tentamos compreender qual seria a cultura escolar gerada pela instituição.

Desta maneira, adentramos a análise de como ocorria às práticas educativas da Casa da Criança Dr. João Moura. Através das memórias da Irmã Creusa, ao perguntamos se as crianças passavam o dia inteiro na instituição, a mesma responde, e acrescenta em seu relato, como era o funcionamento da casa, retratando que em seus primórdios as professoras só lecionavam durante o período da manhã, e que o estabelecimento ainda contava com a ajuda das crianças mais velhas, para a realização da limpeza nos finais de semana.

Passavam, tinha alimentação, tinha roupa, tinha tudo sabe? Tinha umas professoras, quando cheguei aqui tinha umas professoras que ensinavam a eles até onze anos doze anos , ai foram embora “cabosse”, ai essas

crianças de onze pra doze anos ficava no sábado, pra ajudar, ajudar a casa fazer limpeza fazer essas coisa sabe? As crianças ai depois que eles almoçavam e ajudava a fazer faxina e essas coisas assim, ai as mãe vinham buscar, que não tinha condição de pagar né? (IRMÃ CREUSA, 2018)

Como a instituição trabalhava em um regime de semi-internato, a mesma dispunha para as crianças um lanche no período da manhã e tarde, como também o almoço. Abaixo nas figuras 9 e 10, vemos os momentos de alimentação que eram oferecidos no decorrer do dia. Onde podemos ver as crianças devidamente fardadas, fardamento este que também era oferecido pela instituição. Também é possível percebemos que há estabelecida uma ordem, em que as crianças estão todas sentadas ao realizarem suas refeições e eram observadas por algumas professoras e as religiosas.

Figuras 9: Refeitório da Casa da Criança Dr. João Moura



Fonte: Arquivo da Casa da Criança Dr. João Moura

Figuras 10: Refeitório da Casa da Criança Dr. João Moura



Fonte: Arquivo da Casa da Criança Dr. João Moura

Os momentos de lazer também são retratados nas fotos, onde verificamos o momento do recreio, com as crianças se divertindo no parquinho da instituição, sendo elas observadas pelas professoras e por uma das irmãs, e ao.

Figura 11: Crianças no momento do recreio



Fonte: Arquivo da Casa da Criança Dr. João Moura

Na imagem abaixo vemos também retratado uma brincadeira realizada com as crianças, em uma das festividades proporcionada pela instituição, realizada nos dias festivos.

Figura 12: Brincadeira realizada com crianças em momento de festividade



Fonte: Arquivo da Casa da Criança Dr. João Moura

Podemos analisar através destas imagens observadas que os momentos de lazer e descontração são vistos como parte do processo de aprendizagem, sendo assim necessários nas práticas educativas, vindo dessa forma a influência gerada pela nova pedagogia.

As fontes imagéticas ainda nos ajudam a perceber outros aspectos da cultura escolar, produzida pela Casa da Criança, onde é possível observar as festividades de cunho religioso tais como: o natal e festas cívicas. À priori tais celebrações podem nos passar despercebidos, como práticas comuns, mas se atentarmos criticamente a percebermos fatores importantes a serem observados.

Primeiramente, as festividades natalinas nos apontam os ensinamentos da fé católica, que faziam parte dos ensinamentos da instituição, já as festividades cívicas faziam parte de um projeto pedagógico pensado pelo Estado, que pretendia a formação de cidadãos cívicos e patriotas, formando uma identidade nacional comum nestes indivíduos.

Figuras 13: Festividade natalina realizada na instituição.



Fonte: Arquivo da Casa da Criança Dr. João Moura

Figura14: Festividade de dia da Independência realizada na instituição.



O ensino religioso fazia parte das práticas educativas da instituição, até mesmo havendo a catequese com as crianças educadas pelo estabelecimento, sendo um aspecto importante desenvolvido entre as irmãs. O ensino religioso de

cunho cristão católico se mostrava assim presente dentro das práticas educativas realizadas pela instituição, como podemos observar nas imagens abaixo, onde é realizada a primeira eucaristia de algumas crianças acolhidas pela casa.

Figura 15: Realização da Primeira Eucaristia de crianças da Casa da Dr. João Moura.



Fonte: Arquivo da Casa da Criança Dr. João Moura

Fazia parte das ações educativas na instituição, realizar atividades benemerentes, beneficiando as famílias das crianças que estudavam na casa, havia doações de feiras para as famílias e de peças de roupas para as crianças. A Irmã Creusa nos relatou como eram realizados tais serviços:

[...] às vezes ajuda as crianças, e as irmãs Odete e Benedita ajudava as mães também, dava sempre uma feirinha por que era pobre, dava uma condição de vidas a elas, que não tivesse emprego elas dava sempre uma feirinha pra sustentar, era irmã Odete que com a coragem dela era muito disposta, tumava café pela manhã, assim que ela tomava café ia pra rua pedir auxilio nas lojas, ai trazia peça de roupa, pra fazer roupa pras crianças, ela pedia comida também as vez vinha de caminhoneta com feira, comida pra eles, assim ela que se esforçava muito. (IRMÃ CREUSA, 2018)

Algumas fotografias mostram tais atividades, tais como: doação de brinquedos e sapatos, propiciando as crianças, que não tinham condições de acesso a este material, sobretudo, em dias festivos, como o dia das crianças ou o natal.

Figura 16: Crianças expõem pares de sapatos ganhos



Fonte: Arquivo da Casa da Criança Dr. João Moura.

Como podemos observar na imagem, estas atividades realizadas pela instituição, traziam as crianças momentos de felicidade, ao receberem brinquedos e peças de roupas, que em muitos casos não tinham condições financeiras para obter.

Figura 17: Crianças brincando com bolas doadas pela instituição



Fonte: Arquivo da Casa da Criança Dr. João Moura.

Tais práticas educativas realizadas pela Casa da Criança Dr. João Moura, nos permitem compreender como se realizava o cuidado com esta parcela da sociedade que era esquecida por muitos, a infância desvalida e em condição de carência. Ao rememoramos tais práticas estamos dando voz a estes indivíduos que a muito foram colocados às margens.

Desta maneira, tornar-se de extrema importância trazer tais memórias, que são capazes de nos mostrar a relevância da história da instituição por nós pesquisada no âmbito da história da educação local, no que se refere à infância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao trabalhar trazendo à tona as memórias da Casa da Criança Dr. João Moura, tal pesquisa proporcionou-nos um maior entendimento tanto sobre a história da educação, como também da história da infância desvalida campinense.

A produção deste trabalho fez-nos entender como a instituição por nós pesquisada tem um papel importante na história da educação campinense. Diferenciando-se das demais instituições de mesmo período, em suas práticas de trabalho, em seus aspectos educacionais e em sua jornada de surgimento.

A Casa da Criança se mostra um importante lugar de memória na cidade de Campina Grande, ao fazer rememora uma das personalidades históricas da cidade, o médico João Moura, e também a memória da infância desvalida em Campina Grande, tema que ainda se mostra bastante obscuro na historiografia local.

Nosso trabalho desta forma, trouxe contribuições ao estudo da História local, mas precisamente ao campo da História da educação, ao retratar as conjecturas educacionais da década 1957 a 1967 vivenciadas na cidade e no país. Como também da memória de uma parcela de indivíduos colocada à margem da sociedade, que era a infância desvalida e em situação de carência.

Desta maneira, a Casa da Criança Dr. João se provou ao decorrer da pesquisa uma instituição de extrema importância, pelo desenvolvimento de seu trabalho social a serviço da educação. Como também de extrema importância nas representações que criou no âmbito da história da educação campinense.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verana. **Ouvir Contar Textos em História Oral**, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- Burke, Peter. **O Que é História Cultural?**. Rio de Janeiro, 2008.
- CALLOU, Maria Lucirene Sousa. **A Infância Desvalida como Problema Social**, Belém, PA: UFPA, 2016.
- CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**, São Paulo: Editora Unesp, 1999.
- CASTANHO, Sergio M, **Memória, História e Educação**, Campinas, SP: Revista HISTEDBR On-Line, 2016.
- CASTROGA, **Fernando, Memória e historiografia**, Rio de Janeiro: Editora CETEAU, Michel de, **A Escrita da História**, Rio de Janeiro: Forense, 2015.
- _____, **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer**, Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- _____, **A Invenção do Cotidiano: 2. Morar, Cozinhar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- DIEHL, Astor Antônio, **Cultura Historiográfica**, Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- GALZERANI, Maria Carolina Bovério, **Memória, História e Tempo: perspectivas Teórico-metodológicas para a pesquisa em Ensino de História**, Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- HALBWACHS, Maurice, **Memória Coletiva**, São Paulo: Centauro, 2006.
- JULIA, Dominique, **A Cultura Escolar como Objeto Histórico**. International journal of history os education.
- LOPES, Eliane Marta Teixeira, **História da Educação**, Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- MEIHY. **História Oral: como fazer como pensar**, São Paulo: Contexto, 2007.
- MELLO, Jose Baptista De, **Evolução do Ensino na Paraíba**, João Pessoa, PB: Biblioteca paraibana, 1996.
- NORA, Pierre, **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**, Paris: I La République, 1995.
- SAVIANI, Dermeval, **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**, Campinas, SP: Autores Associados, 2013.
- SANDRA, Jathy Pesavento, **História & História Cultural**, Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- STEPHANOU, Maria, **História e memória da educação no Brasil**. Petrópolis RJ: Vozes, 2005.

APÊNDECE – ENTREVISTAS

PERGUNTAS RELIZADAS A ONILDO MOURA.

- Qual seu nome?
- Qual a sua idade?
- Qual a sua escolaridade?
- Qual a sua profissão?
- Fale a história da Casa da Criança Dr. João Moura que o senhor conhece.
- Quem foi para o senhor Dr. João Moura, e qual a importância dele para a sociedade campinense da época?
- Como era a sociedade campinense na época que a Casa foi criada?
- Para o senhor qual a importância da criação da Casa da Criança nos anos 50?
- Em sua opinião para História da educação de Campina Grande, de que maneira a casa veio contribuir?
- Como era a organização da Casa da Criança no dia a dia?
- Por que foi escolhido o nome Casa da Criança para a instituição?
- Como era o trabalho desenvolvido por Dr. João Moura, com crianças Pobres?

PERGUNTAS REALLIZADAS A IRMÃ CREUSA.

- Qual seu Nome?
- Qual a sua Idade?
- Qual a sua escolaridade?
- Entrevistador qual a profissão?
- Para a senhora qual a importância da criação da Casa da Criança?
- Fale da história da Casa da Criança que a senhora conhece.
- Quais foram às primeiras freiras que vieram para a Casa, e de que ordem elas eram?
- Qual foi a importância, em sua opinião, das primeiras freiras na época da sua criação?
- De onde viam, e quem eram as crianças que a Casa abrigou?
- Como era a organização do trabalho das freiras no dia a dia da Casa?
- As crianças passavam o dia todo na Casa?

-Qual a importância desta instituição para a história da educação campinense?

-A educação proposta para as crianças do João Moura, em que ela tem contribuído para a formação humana e cidadã?

-Como era o perfil das crianças que a Casa recebia na sua criação? Fale das histórias que a senhora conhece.

ANEXO- TERMOS DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, Danielo de Moura Cruz, em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa: Práticas Educativas e Memória na História da Educação Campinense: Narrativas Sobre a Casa da Criança Dr. João Moura. Declaro ser esclarecido (a) estar de acordo com os seguintes pontos:

- A pesquisa terá como objetivo investigar na memória da História da educação campinense, as práticas educativas e a relevância social no trato com a infância desvalida que instituição Casa da Criança Dr. João Moura exercia.
- Ao (a) voluntário(a) só caberá a autorização para participar da pesquisa e não haverá nenhum risco ou desconforto ao (a) mesmo (a).
- O(a) voluntário (a) poderá se recusar a participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização da pesquisa ora proposta, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o (a) mesmo (a).
- Será garantido sigilo dos resultados obtidos nesta pesquisa, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.
- Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários desta pesquisa científica e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros a (ao) voluntário e, portanto, não haverá necessidade de indenização por parte da pesquisa e/ou instituição responsável.
- Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimento, o (a) participante poderá contatar a pesquisadora no número (083) 986735005, residente à Rua Beltrano Farias de Castro, N° 48, Bairro: Novo Cruzeiro.
- Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados com a pesquisadora. Vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.
- Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar em pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este Termo de consentimento Livre e Esclarecido.

Campina Grande, 13 / Abril / 2018

Alan Torresi Galvão
Assinatura da Pesquisador

Orlando de Sousa Cruz

Assinatura do participante



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, Rosane Gomes do Nascimento em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa: Práticas Educativas e Memória na História da Educação Campinense: Narrativas Sobre a Casa da Criança Dr. João Moura. Declaro ser esclarecido (a) estar de acordo com os seguintes pontos:

- A pesquisa terá como objetivo investigar na memória da História da educação campinense, as práticas educativas e a relevância social no trato com a infância desvalida que instituição Casa da Criança Dr. João Moura exercia.
- Ao (a) voluntário(a) só caberá a autorização para participar da pesquisa e não haverá nenhum risco ou desconforto ao (a) mesmo (a).
- O(a) voluntário (a) poderá se recusar a participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização da pesquisa ora proposta, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o (a) mesmo (a).
- Será garantido sigilo dos resultados obtidos nesta pesquisa, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.
- Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários desta pesquisa científica e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros a (ao) voluntário e, portanto, não haverá necessidade de indenização por parte da pesquisa e/ou instituição responsável.
- Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimento, o (a) participante poderá contatar a pesquisadora no número (083) 986735005, residente à Rua Beltrano Farias de Castro, N° 48, Bairro: Novo Cruzeiro.
- Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados com a pesquisadora. Vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.
- Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar em pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este Termo de consentimento Livre e Esclarecido.

Campina Grande, 26 / janeiro / 2018

Rosane Gomes do Nascimento
Assinatura da Pesquisadora

Traci Lorenza Jones de Sacramento
Assinatura do participante

